

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Veja

Class.: 228

Data 10 de agosto de 1977

Pg.: 74

A Igreja também peca

Do descobrimento do Brasil até aproximadamente 1910, quando surgem as primeiras iniciativas governamentais de proteção aos índios, a Igreja Católica foi, praticamente, a única responsável pelos trabalhos de assistência e defesa das comunidades indígenas nacionais. Contudo, durante esse longo período, muitos erros foram cometidos ao abrigo da cruz. Em nome da evangelização, crenças ancestrais foram destruídas; em nome da moral, profanou-se uma ética nativa há muito enraizada; em nome da cultura ocidental, milhares de índios foram batizados, crismados, casados, vestidos, penteados, vacinados e, em seguida, transformados em marginais.

Os missionários de hoje admitem tais pecados. E procuram não repeti-los na Amazônia, uma região onde até recentemente havia a impressão de que a floresta funcionaria eternamente como um anteparo contra o civilizado. Essa ilusão durou até meados da década de 50. A partir da construção de Brasília, estradas rasgam reservas; surgem projetos pecuários; tratores; incentivos fiscais; jagunços e companhias de mineração. O índio passa a ser visto como um "entrave ao desenvolvimento". O processo, como explica dom Tomás Balduino, presidente do Conselho Missionário Indigenista (Cimi), é quase sempre o mesmo: "Depois de atraído pelo sertanista, o indígena perde o vigor em defender o que é seu. Aliciado por quinquilharias baratas, deixa de caçar e abandona a lavoura. Em seguida, vai para a beira da

estrada, até que a fome sacuda seu torpor. Com a fome, desenvolve-se a dependência. Os mais frágeis são os mais isolados: contatados em nossa década, os Kreen-a-Kahore foram reduzidos de 600 para sessenta em apenas dois anos".

Diante desse quadro — diz um religioso que prefere não se identificar —, a Fundação Nacional do Índio (Funai) comporta-se "como uma repartição pública, com poucos recursos e enormes limitações". E dom Tomás Balduino prossegue: "Se analisarmos detidamente a política indigenista brasileira, veremos que, no fundo, ela é uma maneira de conter, de confinar, tirando assim toda a chance de uma recuperação de valores e da dignidade do índio". Completou: "O problema dos índios é o problema que nós, civilizados, criamos para ele. E agora nós não sabemos ou não queremos resolvê-lo, porque somos ignorantes, soberbos e etnocêntricos".

Recentemente a repórter Ângela Ziboldo, de VEJA, esteve em Manaus, por ocasião do I Encontro de Pastoral Indígena Panamazônica, do qual participaram dez representantes do Brasil, quinze da Bolívia, Colômbia, Equador e Peru, quatro do Departamento de Missões do Celam e convidados de Conferências Episcopais da Guiana e Suriname. Partindo do princípio de que a Amazônia é um todo complexo, formado de um mosaico de etnias, os participantes discutiram, durante seis dias, as políticas indigenistas de seus respectivos países e as linhas do trabalho missionário da Igreja junto aos índios.

Abaixo, alguns depoimentos significativos de várias correntes do pensamento religioso contemporâneo:

Dom Moacyr Grecchi — bispo da Prelazia Acre-Purus: "Nossa Igreja assumiu uma presença muito discreta junto aos índios. Estamos com eles, vivemos e trabalhamos ao modo deles, naquilo que for possível. Se eles quiserem aprender, ensinaremos, procurando, no entanto, preparar professores entre eles. Queremos crescer com a comunidade, prepará-la para enfrentar o contato com o civilizado".

Padre Bindo Meldolesi — assistente das comunidades próximas a Boa Vista, capital de Roraima: "Não acredito em culturas isoladas. A salvação dos povos primitivos dependerá da aceitação de culturas universais. Ninguém até hoje conseguiu convencer-me da 'preciosa cultura dos índios'. A cultura que desejo lhes ensinar não é americana ou europeia, mas mundial".

Reverendo José Chipenda — angolano, protestante, encarregado da Defesa dos Direitos das Minorias do Conselho Mundial de Igrejas: "Preocupado em desenvolver um estilo de vida menos predatório, os jovens da Europa e dos Estados Unidos tentam justamente recuperar valores perdidos que estão vivos nas comunidades indígenas. Isto é: mais camaradagem entre indivíduos, cooperação, não acumular riquezas desnecessárias. O índio nunca destrói a natureza".

VEJA, 10 DE AGOSTO, 1977

Centro Ecumênico de Documentação e Informação

73

- CEDI -

Padre Egidio Schwade — secretário do Cimi: "As comunidades indígenas poderiam sobreviver harmoniosamente, se permitirmos que elas resolvam seu destino. Quando deixamos que o índio se manifeste, desaparece a trágica alternativa integração ou extinção".

Padre Norberto Hohensherer — diretor e vigário da missão salesiana Pari Cachoeira, no alto rio Negro: "O problema da autodeterminação do índio é muito complexo. Nem tudo o que os índios querem da civilização é bom para eles. Uma casa coberta com folhas de palmeira é mais apropriada para a Amazônia. Mas os tukano, por exemplo, querem folhas de alumínio. Não se pode, por outro lado, julgar os métodos de evangelização do passado com a antropologia de hoje".

Padre Joaquim Garcia Sánchez — coordenador geral da pastoral de Iquitos, Peru: "A interação dos missionários com as comunidades nativas influirá na visão total da Igreja. Sociedades, sistemas e estruturas serão questionados pelas sociedades indígenas. Na Conferência Episcopal Peruana, fala-se mesmo de uma Igreja que é evangelizadora e de uma Igreja que é evangelizada".

Dom Tomás Balduino — "A renovação desperta ainda algumas desconfianças. Afinal, ela provoca um transtorno geral. Os grandes colégios, com suas oficinas, roças e hortas, usam mão-de-obra indígena. O índio recebe, mas talvez ele dê muito mais. Desmontar tudo isso de um dia para outro não é fácil. Há tam-



bém o problema da inadaptação do missionário às novas exigências. O missionário tradicional é aquele que ensina, que sabe. Na condição de companheiro

do índio, entretanto, ele é o mais fraco, o mais desprovido. O índio sabe caçar, proteger-se da chuva e do mau tempo. O missionário está nu".